Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série, n.º 1, 2019, pp. 713-726
Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira
https://ahm-abm.madeira.gov.pt

A Identidade Madeirense: Contributos das Crónicas Jornalísticas de Horácio Bento de Gouveia

Madeira's Cultural Identity: Contributions of Horácio Bento de Gouveia's Journalistic Chronicles

Lisandra Ornelas Faria[1]

Resumo

Presença assídua na imprensa madeirense, Horácio Bento de Gouveia reúne um vasto espólio de textos jornalísticos cujo tema central é a ilha da Madeira. Ao longo de mais de seis décadas de colaboração periodística, o autor elaborou uma análise à Madeira do século XX, abordou algumas vivências, rituais e objetos característicos da ilha, comparou-os com os demais povos, realçando assim algumas das características identitárias da ilha. Entendida como uma intervenção de natureza livre, a crónica, nos jornais, dá predominância à subjetividade de quem escreve, como se comprova através dos textos de Horácio Bento, em que, em muitos momentos, o cronista madeirense expressa o seu parecer e a sua faceta regionalista, nomeadamente quando exalta alguns dos costumes arcaicos que ainda se podem encontrar em algumas zonas da Madeira e quando revela traços inerentes à sua ilha.

Palavras-chave: Crónica Jornalística; Horácio Bento de Gouveia; Identidade Madeirense.

Abstract

Horácio Bento de Gouveia, a constant presence in Madeira press, has a wide collection of journalistic chronicles about Madeira island. Over six decades, the columnist analysed Madeira island during the 20th century, approached some experiences, rituals and characteristic objects of the island, comparing them with other people and highlighting some of Madeira's cultural identity characteristics. Understood as a free intervention, the

[1] Natural da ilha da Madeira, licenciou-se em Comunicação Social e Cultura pela Universidade dos Açores. Com interesse nas temáticas da identidade e da cultura, defendeu uma tese de mestrado, na mesma instituição, intitulada *As crónicas jornalísticas de Horácio Bento de Gouveia: contributos para a afirmação da identidade madeirense,* onde expõe a importância do trabalho jornalístico de Horácio Bento para a exaltação dos modos de ser e de estar tipicamente madeirenses. Contacto: lisandrafaria@hotmail.com.

chronicle, in the newspapers, gives predominance to the writer's subjectivity, as we can see through Horácio Bento's texts. In several moments, the chronicler expresses his opinion and his regionalist point of view particularly when he exalts some archaic traditions that can still be found in certain areas of Madeira and when he reveals traits inherent to his island.

Keywords: Journalistic Chronicle; Horácio Bento de Gouveia; Madeira's Cultural Identity.

Nos dias de hoje, paradoxalmente a um mundo cada vez mais globalizado, assistimos ao fenómeno da exaltação das especificidades regionais. E, à semelhança das demais, a identidade madeirense tem sido afirmada sob as mais diversas formas e nos mais diversos territórios.

A tradição, transmitida de geração para geração, é assim o *ex-libris* da sociedade contemporânea, onde a uniformização se tornou vulgar e a procura pelo diferente e específico é uma verdadeira lufada de ar fresco. Com a massificação dos meios de informação, com o crescimento das redes sociais e, no fundo, com a maior facilidade de comunicação que os novos tempos proporcionam, podemos observar que os usos e costumes madeirenses têm vindo a ser exaltados mundo além.

No entanto, e apesar desta ampla difusão actual, a preocupação com a afirmação destas características próprias não é uma novidade. São vários os autores e entidades que, ao longo de décadas passadas, tiveram o cuidado de observar, distinguir e registar estas mesmas vivências; entre eles está o nome incontornável de Horácio Bento de Gouveia.

Figura marcante da cultura madeirense, enquanto professor, escritor, cronista e jornalista, Horácio Bento de Gouveia fez da maior parte do seu trabalho uma alavanca para a afirmação dos traços e características típicas do arquipélago. Na sua faceta de cronista, a exaltação da terra *mater* era uma constante, de tal forma que até mesmo hoje os seus escritos continuam a ser um contributo fundamental para a afirmação da identidade madeirense.

Desde a sua descoberta, no século XV, a ilha da Madeira absorveu um conjunto de usos, costumes e tradições dos primeiros colonizadores e, com o passar dos séculos, estas formas de ser e de agir moldaram-se à realidade madeirense e assumiram-se como características identitárias daquele espaço e daquele povo; não só dos madeirenses que vivem efetivamente nas ilhas, mas também daqueles que emigraram e que recriaram nas terras de acolhimento alguns dos costumes e vivências da terra-natal.

Ainda que não esteja tão cimentada e teorizada como a açorianidade[2], a "madeirensidade"[3], nas palavras de Paulo Miguel Rodrigues, apoiada pela interdisciplinaridade da filosofia, da etnografia, da linguística, da antropologia, da sociologia, da história e da geografia, traduz a realidade e os traços característicos das ilhas da Madeira.

Convém realçar que a Madeira é um território insular e tem, por isso, maior facilidade em preservar os traços etnográficos primitivos, como afirma Alberto Vieira:

> «A ilha assume-se como uma região particular, dispondo de uma identidade própria. […] É por si só unidade social, económica e política, constituindo uma forma singular de mundo. O mar, factor de aproximação e isolamento, é o principal gerador da individualização. Por tudo isto é possível falar do mundo insular, assente numa singular personalidade, numa particular cosmovisão, ou melhor ainda, numa forma de ser e estar no mundo»[4].

Em Horácio Bento de Gouveia, embora haja a consciência do contacto da Madeira com o mundo, há também a afirmação de que «os hábitos estruturantes do ilhéu não se modificaram porque as ilhas sempre foram ciosas de suas tradições, conservadoras de seu carácter, fechadas ao desnacionalismo das ideias e costumes doutras raças avaras do sentimento nativo que a terra cria»[5].

Consciente das especificidades da Madeira, a escrita bentiana constitui-se como depósito da memória do século XX e esboçou um verdadeiro retrato do *modus vivendi* madeirense, nomeadamente do seu dialeto, da sua gastronomia, das suas festividades e dos seus modos de expressão sociocultural. Tendo como temáticas as vindimas, o Natal, a gastronomia, a música e o folclore, a emigração, as festividades e os arraiais, as crónicas bentianas, «preciosas joias da memória e vivência madeirense»[6], imortalizaram a identidade autóctone.

Até mesmo a acentuada orografia da ilha, originada por fenómenos vulcanológicos, foi um fator que determinou e condicionou, desde os primeiros tempos, a vivência e o modo de ser dos seus habitantes. A este respeito, Horácio Bento de Gouveia afirmou na crónica intitulada «Civilização Madeirense»: «As comunicações do Sul para o Norte, difíceis e extenuantes, por caminhos que vão a nascer através das gargantas angostas da serra, são verdadeiro cabo tormentório»[7].

---

2 Termo criado em 1932 por Vitorino Nemésio para expressar o sentir ilhéu e a conjunção de diversos fatores, naturais e culturais, que moldam o povo açoriano.

3 RODRIGUES, 2012, «*Madeirensidade*: Breves Reflexões em torno de um conceito identitário a repensar».

4 VIEIRA, s.d., «O discurso da identidade insular no Atlântico Lusíada Açores, Madeira e Santa Catarina».

5 SOARES, 2011, «Civilização Madeirense», in *Escritos 4 (1950-1959 Horácio Bento de Gouveia)*, p. 53.

6 PINTO-CORREIA, 2002, «Acerca da festa/ do Natal nas crónicas de Horácio Bento de Gouveia», p. 137.

7 SOARES, 2011, «Civilização Madeirense», in *Escritos 4 (1950-1959 Horácio Bento de Gouveia)*, p. 51.

No fundo, toda esta dificuldade de comunicação e transporte serviu também para Horácio Bento exaltar o carácter de perseverança e de superação do madeirense.

Neste sentido, o destaque para o norte da ilha, de onde o cronista é natural, e onde as barreiras comunicacionais eram mais expressivas, foi uma constante e remete-nos para a "insularidade, dentro da insularidade" e para as diferenças entre o norte e a cidade (ao sul), em representação da tradição e do cosmopolitismo.

O isolamento era de tal forma que algumas freguesias costeiras tinham os seus próprios cais: «Era o mar a estrada por onde se transportavam as mercadorias e se deslocavam, quando as condições marítimas favoreciam, aqueles que iam à cidade»[8].

Não obstante estas barreiras, é nestes sítios mais isolados que as marcas identitárias permaneceram no seu estado mais puro: «Viviam as freguesias acantonadas em presépio por lombas e entre enrugamentos, em remanso poético, e os costumes e a linguagem, em sua rustiqueza, gozavam da mais pura simplicidade, alheios ao abastardamento procedente do exterior»[9].

Convicto regionalista, Horácio Bento de Gouveia serviu-se assim da dicotomia campo/cidade para ilustrar dois universos: um mais autêntico onde os valores mais ancestrais continuavam pouco alterados, e outro moldado pela civilização, onde reinava a artificialidade.

Neste contexto, ao abordar a floricultura madeirense, o cronista reportou: «E, na cidade e circunferências, as quintas tornam-se alfobres dos mais fascinantes exemplares de botânica decorativa. Porém, sem embargo de sua riqueza variada de espécies, não existe, verdadeiramente, no Funchal, a paixão desutilitária das flores»[10].

Não obstante a "preferência" pela simplicidade do Norte, Horácio Bento de Gouveia reconheceu, ainda que com alguma ironia, que o Funchal era também uma montra do regionalismo madeirense:

> «Ali, no Largo do Chafariz, a feira das botas chãs, as *botas de vilão* de canos com vira encarnada, chamavam os olhos dos transeuntes. […] E as botas, em carreiras, naquele larguinho, de típico chafariz ao centro, à semelhança de canteiro exótico, espertava a vista, em sua nota colorida a marcar sadio regionalismo ao peregrino cobiço do diferente»[11].

Os turistas não só contemplavam o singular, mas também, aos poucos, iam acrescentando cosmopolitismo à vivência da cidade madeirense. No entender

[8] GOUVEIA, 1966, «Memórias da ilha: os velhos cais do Norte – o progresso matou o cais e extinguiu hábitos de muitas gerações», in *Canhenhos da Ilha*, p. 45.

[9] SOARES, 2014, «A Madeira: visão de ontem e de hoje», in *Escritos 5 (1960-1969 Horácio Bento de Gouveia)*, p. 157.

[10] GOUVEIA, 1966, «Madeira, terra das flores», in *Canhenhos da Ilha*, p. 30.

[11] GOUVEIA, 1966, «Da cidade: Roteiro Sentimental», in *Canhenhos da Ilha*, p. 69.

do cronista, algumas das marcas identitárias já estavam desviadas da sua origem: «Observando os velhos usos da Madeira nota-se que alguns já se extinguiram e outros vão perecendo. O trajo característico do campónio do interior (exceptuando o barrete de orelhas) apenas redivive na vendedeira de flores e frutas, como efeito cénico»[12].

No fundo, e contrariando o senso comum que cataloga as ilhas como espaços fechados sobre si mesmo, esta mundivivência proporcionada pelo turismo fez com que a Madeira não assumisse uma postura isolacionista, nem um regionalismo fechado. Mais, foi ao tomar conhecimento de que o "Outro" procurava a sua autenticidade, que o povo madeirense se consciencializou do seu potencial etnográfico e sociocultural.

Embora estivesse apreensivo com a influência do turismo, Horácio Bento de Gouveia não deixou de reconhecer importância desta abertura ao mundo exterior. Aliás, foi com base nela que os aspectos característicos do arquipélago foram exaltados e valorizados mundo fora: «De há muito que a Madeira é uma afirmação de particularismo regionalista e, graças a ela, e à sua notícia, ao seu reflexo nos países estrangeiros do Ocidente através do cartaz, do postal, do opúsculo, etc., os paquetes de recreio nos visitam, os hotéis enchem»[13].

Não obstante estas influências, a Madeira conservou ainda um conjunto de ritos e características mais primitivas, entre eles a agricultura manual, potenciada pela já referida orografia.

No seio da ode à agricultura, em Horácio Bento de Gouveia houve um destaque considerável para as vindimas e para o vinho Madeira, um dos produtos que melhor identificam a região mundo além:

> «os vinhedos, cujas folhas amarelam, deixam pender das latadas os cachos fartos como tetas de rês. […] E a prova insofismável está nos barreleiros acogulados de uvas, mesmo a transbordar, que os homens conduzem às costas, a quina do fundo dos cestos descansando na áspera molhelha feita de saca, formando degrau»[14].

Paralelamente ao elogio da labuta rural na cultura da vinha, das semilhas (batatas), do inhame e do feijão, o cronista deu relevância a outro dos produtos mais identitários da região, o bordado-Madeira. Exaltando a nobreza e a dureza deste trabalho manual, maioritariamente executado por mulheres, Bento de Gouveia afirmou: «As raparigas ocupam-se no bordado todo o santo dia e pela noite dentro até às três ou quatro da manhã, alcachinadas, à luz bruxoleante dum candeeiro de petróleo.»[15]

---

[12] SOARES, 2014, «A Madeira: visão de ontem e de hoje», in *Escritos 5 (1960-1969 Horácio Bento de Gouveia)*, p. 158.
[13] SOARES, 2014, «Regionalismo e Turismo», in *Escritos 5 (1960-1969 Horácio Bento de Gouveia)*, p. 139.
[14] GOUVEIA, 1966, «Madeira, terra das flores», in *Canhenhos da Ilha*, pp. 57-58.
[15] GOUVEIA, 1994, «Aspectos rurais em Ponta Delgada», in *Crónicas do Norte*, p. 57.

No fundo, a exposição destas duas vertentes laborais, a agricultura e o bordado, aviva-nos uma vez a memória para o caráter robusto, destemido e persistente do povo madeirense.

Ainda acerca das marcas identitárias da região, outro dos universos sobejamente aclamados por Horácio Bento de Gouveia foi o das festividades madeirenses.

Durante todo o ano, e em cada um dos lugarejos do arquipélago, segundo o cronista, assistia-se a uma proliferação de festas religiosas e pagãs, onde não faltavam os tradicionais comes e bebes, as desgarradas, o folclore e o convívio entre os participantes:

> «A Maria mai-lo Manel, em bailarico desconcertado de atitudes grotescas, cirandando em doidice de "flirt" e desfiam cantarotas á porfia, envaidecidos, narcisando-se na sua exibição garrida, espaventosa, alardeante. […] Uma chusma de romeiros, boquiabertos, espantam em pasmo de admiração, o ouvir o grupo que estaciona em frente de uma barraca, onde se bebe vinho, e onde se vende carne pronta para espetar»[16].

No fundo, o cronista apresentava-nos a confirmação de que os arraiais eram (e continuam a ser) um dos meios de afirmação da maneira de ser e agir do povo madeirense.

Ainda dentro do âmbito das festividades, o cronista atribuía à música e aos grupos folclóricos o papel de difusores da identidade da região:

> «Como expressão mais viva de regionalismo, irrequieta, veia quente da terra porque de raiz telúrica, o rancho transportando as danças, os cantares e as músicas onde quer que asas migratórias o conduzam. […] No que respeita a este aspecto folclórico a Madeira ocupa lugar proeminente de vanguarda. A mestria do bem ensaiado, a selecção do reportório, a vestimenta típica, a naturalidade de saber apresentar-se, tudo são factores que imprimem personalidade»[17].

No âmbito etnográfico e festivo, um dos rituais mais tradicionais e mais mencionados pelo cronista foi a "Festa", isto é, o Natal madeirense. Dezembro, assumindo-se como o mês mais festivo da ilha, é tido mesmo como um marco temporal: engordava-se o porco para o matar na Festa, preparava-se a melhor roupa para a ocasião e pelas casas reservava-se as melhores iguarias para brindar as visitas do Natal.

Sendo uma época singular, com raízes ancestrais, a celebração do nascimento do menino Jesus no arquipélago é carregada de particularidades e, reconhecendo a importância identitária desta quadra, ao longo de mais de uma dezena de crónicas, Horácio Bento de Gouveia afirma:

> «É esta a quadra por excelência dos divertimentos: as guitarradas, o fôgo de artifício, as bombas e a visita às "lapinhas" pela boca da noite, com o pretexto muitas vezes de se jogar às cartas até a deshoras, sob o patrocínio da imagem de Jesus Menino, colocado no cimo de

[16] SOARES, 2001, «Do meu afecto pela terra», in *Escritos de Juventude: 1919-1930*, p. 99.
[17] GOUVEIA, 1994, «Regionalismo: ranchos folclóricos», in *Crónicas do Norte*, p. 142.

> um altar armado sobre uma mesa que fica geralmente situada num angulo da melhor sala da casa, quer seja rica ou humilde»[18].

A verdade é que, estando enraizada nas gentes da Madeira, a "Festa" era também celebrada fora da ilha, no continente e no estrangeiro pelos madeirenses que partiam e que não deixavam de seguir as tradições das suas terras, sendo a elaboração dos presépios típicos um destes ritos.

Segundo Bento de Gouveia, os presépios feitos em lapinha ou em rochinha não só evocavam o nascimento do menino, como também aproveitavam a cena religiosa para recriar os usos, o viver e a própria identidade da região.

As montanhas que engalanavam a rochinha eram o quadro perfeito da própria morfologia da ilha. Já a lapinha, na sua simplicidade, exaltava uma série de aspectos curiosos: o alegra-campo e as searinhas como símbolo da natureza e os pêros e tangerinas como desejo e agradecimento das boas colheitas.

Ainda acerca da quadra natalícia, há também referência por Horácio Bento de Gouveia às centenas de madeirenses que se reuniam de madrugada para celebrar durante nove dias a gestação da Virgem Maria, nas Missas do Parto: «É êste o período das Missas do Parto, ante-manhã, que são anunciadas pelo toque cadenciado do sino da igreja e pelo estoirar de alguns morteiros»[19].

Iniciadas antes da alvorada, para não atrasar os trabalhos do campo, estas celebrações eucarísticas estavam carregadas de simbolismo. Introduzidas no arquipélago pelos franciscanos aquando do povoamento do arquipélago, estas celebrações revelavam a identidade madeirense, na vertente mais simples e autêntica.

O presépio de lapinha exposto nos altares, por mais singelo que fosse aos olhares comuns, não deixava de estar envolto em memórias e tradição. Também os comes e bebes após a cerimónia, os cantares e despiques aliados aos cânticos à Virgem Maria traduziam o espírito alegre e festivo do Natal Madeirense.

No culminar de dezembro, a ilha brindava-nos com um conceituadíssimo espetáculo de fogo-de-artifício que, já naquelas épocas, fazia as delícias dos locais e dos milhares de turistas. No entender de Horácio: «O cenário dos quinze minutos de fogo no Funchal, é, sem dúvida patético, petrificante. Vive-se, nesse curto espaço de tempo, uma das maiores maravilhas do mundo»[20].

No fundo, todas estas vivências natalícias, toda a alegria demonstrada e toda a musicalidade e cor foram algumas das provas evidentes para Horácio Bento tentar afirmar

---

[18] GOUVEIA, 1933, «Lapinhas e Pastores», in *Páginas de Jornalismo*, p. 4.
[19] GOUVEIA, 1933, «Lapinhas e Pastores», in *Páginas de Jornalismo*, p. 4.
[20] SOARES, 2011, «Festas da Cidade», in *Escritos 4 (1950-1959 Horácio Bento de Gouveia)*, p. 99.

a personalidade identidade do povo madeirense, quer estivesse na ilha, quer estivesse espalhado pelo mundo.

Aliás, o madeirense que vivia além-fronteiras não só recriava estes hábitos e rituais natalícios, como também outros tantos. Na apoteose do regionalismo, foi inclusivamente capaz de recriar, no Havai, uma réplica da igreja de Nossa Senhora do Monte, padroeira da sua ilha mãe.

Apesar deste apego à terra, mundo fora, o madeirense era também reconhecido pela astúcia e temperamento calmo. No entender de Horácio Bento, o madeirense era: «de uma energia rara, com um poder de adaptação milagroso, em todos os climas, em todas as ambiências geográficas, trabalhando, lutando em prol dos seus, amigo da paz, de uma submissão que o edifica aos olhos de Deus»[21].

Numa outra vertente, e analisando as marcas identitárias da Madeira presentes nas crónicas bentianas, podemos encontrar também especiais referências às diversas particularidades dialetais do arquipélago.

Sendo um dos fatores que mais identifica a região no exterior, Horácio Bento de Gouveia fez questão de exaltar nas suas linhas o demarcado dialeto madeirense, a sua singular pronúncia e os diversos regionalismos, entre eles, "semilha", "cabrinhas" e "pêro" (que designam respeitavelmente "batata", "feto-dos-carvalhos" e maçã).

Aliás, em alguns momentos, Horácio Bento de Gouveia fez questão de demarcar as diferenças entre a linguagem corrente e as expressões de pronúncia madeirense, como se pode observar num dos excertos da crónica «Bom Jesus da Ponta Delgada»:

> «– *Nã* t'esqueças da *rebeca* e do *bumbo* que tão no *armairo*, *q'a* gente espera *in* casa do *vezinho*.
> «– O pai *nã* leva o bordão de conto?
> «– Já *qui* vai *p'rai* voltas da *Incumeada* com a ajuda do Senhor *Jasus*»[22].

Ao transcrever para o papel a forma particular como o madeirense pronunciava as expressões supra em itálico, Horácio Bento de Gouveia chamou a atenção para a autenticidade do dialeto regional mas também reportou o facto de na Madeira, por via do seu isolamento geográfico e morfológico, ainda se conservar, naquela altura, algumas expressões arcaicas, como é o exemplo de *"armairo"* (forma latina da palavra armário).

O aparecimento do nome "José" como "Josia" foi também recorrente na crónica bentiana e ilustrava precisamente um alongamento na passagem do latim para o português. "Cafia" (café), "Tomia" (Tomé), "Faiz" (faz) e "Cuma" (como) foram outras das expressões que ilustram este fenómeno e que, segundo o próprio Horácio Bento de

[21] GOUVEIA, 1966, «Madeira, terra das flores», in *Canhenhos da Ilha*, p. 101.
[22] SOARES, 2014, «Bom Jesus da Ponta Delgada», in *Escritos 5 (1960-1969 Horácio Bento de Gouveia)*, p. 167.

Gouveia, espelhavam também a «tendência geral do homem em expressar-se da maneira mais simples e mais breve, e mais económica no dispêndio de energia fisiológica»[23].

Outro dos pormenores interessantes do dialeto regional, e sobejamente assinalado por Bento de Gouveia, foi o uso do sufixo *inha*. Palavras como *lapinha*, *searinha*, *escadinha* foram uma constante em toda a obra. Acerca deste fenómeno, Maria Elisabete Almeida alerta:

> «Inicialmente, o diminutivo, na maioria das vezes afectivo, difundiu-se de tal ordem na Madeira que acabou, a nosso ver, por ser utilizado em qualquer circunstância e sem valor específico. Todavia, confere ao falar madeirense uma espécie de doçura e de mansuetude que caracterizam os hábitos da ilha»[24].

No fundo, tanto o recurso a estas expressões mais arcaicas (que já haviam caído em desuso na norma padrão do Português), como a referência às próprias alterações fonéticas, proporcionadas pelas vivências e pelo quotidiano, contribuíram de certa forma para o cronista confirmar a autenticidade do dialeto madeirense e, por conseguinte, a própria identidade.

Em suma, analisados apenas alguns dos trechos jornalísticos de Horácio Bento de Gouveia, apercebendo-nos do seu forte apego à terra e podemos efetivamente atribuir-lhe um papel de destaque na enumeração e expressão da identidade madeirense.

Através de descrições e memórias de festividades, de lugares e de situações, fica subjacente que há uma preferência pela simplicidade e pelos valores tradicionais, em detrimento dos novos modos de vida.

Ao longo das centenas de crónicas, Horácio Bento consegue revelar-nos também um conjunto de particularidades etnográficas e sociais da região, entre elas as vindimas, os bordados, a gastronomia, o folclore, a emigração, o turismo, os arraiais e as festividades religiosas e pagãs e a própria orografia.

A verdade é que, embora tenham sido escritas sobretudo na 2.ª metade do século XX, a maior parte destas crónicas tornaram-se intemporais, ao revelar características, práticas socioculturais e formas de sentir e agir que ainda hoje são atuais.

Ainda que se observe uma melhoria inegável nas vias de comunicação e transporte na Madeira, a verdade é que a acentuada orografia é ainda uma realidade que faz as delícias dos turistas e que traz à lembrança dos habitantes as dificuldades, vivências e superações de outrora. A vitória sobre esta barreira da natureza revela mesmo o carácter forte, persistente e destemido do povo.

---

[23] GOUVEIA, 1994, «Respigos de Fonética no linguajar da gente – freguesia da Ponta Delgada», in *Crónicas do Norte*, p. 159.

[24] ALMEIDA, 2002, «Antiguidade e Modernidade na Linguagem de Horácio Bento de Gouveia», p. 21.

Também num passeio rápido pela ilha podemos ainda hoje em dia observar as clivagens existentes entre o Funchal e algumas das freguesias mais recônditas. De resto, convém salientar que, embora Horácio Bento de Gouveia tenha realçado a importância do Funchal e da abertura ao mundo exterior, foi no recurso à ruralidade que o cronista exprimiu o verdadeiro sentir e agir ilhéu. A cidade é tida como um lugar artificial e as zonas mais rurais são consideradas palco de eleição para a originalidade.

A capital, como grande centro urbano e cosmopolita, é ainda atualmente a montra "turística" de uma série de *modi vivendi* que eram e são praticados nas zonais mais rurais. Um pouco por toda a cidade aparecem diversas bancas de frutos típicos (vindos sobretudo da agricultura manual da ilha) e desfilam ainda mulheres com o traje típico a vender as suas flores.

De igual modo, proliferam os barretes de vilão e os trajes usados no folclore. Aqui e acolá ainda se ouvem muitos regionalismos e ainda se preserva o tão característico e identitário sotaque descrito por Horácio Bento.

Em época de festividades citadinas, rumam ao centro do Funchal vários grupos de cantares que, com cores garridas, mostram toda a alegria e vivacidade do povo madeirense e, alimentando o motor do turismo, fazem com que o destino Madeira seja conhecido além-fronteiras.

Nunca como hoje se ouviu e viu tanto sobre a Madeira. Através dos facilitismos comunicacionais existentes atualmente o mundo e os próprios emigrantes estão constantemente informados e entretidos com temas e assuntos acerca do arquipélago.

O vinho continua a ser aclamado mundo além e pela região tem vindo a ganhar cada vez mais destaque. Durante o mês de setembro, tanto a cidade, como o campo celebram este que é um dos principais cartazes da Madeira.

O Natal, à semelhança do que foi descrito em diversas crónicas de Horácio Bento de Gouveia, continua a dar lugar a uma série de rituais e modos de agir singulares, entre eles: as Missas do Parto, a Matança do Porco, a confeção de iguarias típicas, e no culminar, o espetáculo de fogo-de-artifício que enche o anfiteatro funchalense e que encanta os turistas e os residentes.

A "Festa", vivida na Madeira com grande simbolismo, é também celebrada mundo fora, com a mesma emoção. Recriam-se alguns dos ritos da quadra e demarcam-se os traços identitários de um povo.

Em Lisboa, por exemplo, em dezembro de 2018, soube da existência de quatro Missas do Parto. Assisti a uma delas, em Alfragide, e deparei-me, logo no início, com um presépio em lapinha exposto no altar, com o pano listado típico e as searinhas e tangerinas a adornar. No final da cerimónia não faltou a carne de vinha d'alhos, a poncha, o cacau e o bolo de mel, saboreados ao som dos mais diversos cantares e

bailares. Apesar de estarmos deslocados da nossa terra, aconteceu ali uma das mais expressivas manifestações de identidade madeirense.

No fundo, são estes modos singulares de ser e estar que ainda hoje se praticam, que fazem com que se possa almejar a uma identidade própria. E, no seio das provas documentais, a obra jornalística de Bento de Gouveia ganha um enorme destaque. Assumidamente regionalistas, os escritos bentianos traçaram com precisão uma série de usos e costumes tipicamente madeirenses e são por isso um enorme contributo para a afirmação da identidade madeirense.

Fotografia I – Horácio Bento de Gouveia, 1923-05-14

Fonte: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, Photographia Vicente, n.º inv. 569.

Bibliografia

ALMEIDA, Maria Elisabete, 2002, «Antiguidade e Modernidade na Linguagem de Horácio Bento de Gouveia», in *Islenha*, n.º 30, Funchal, Direção Regional dos Assuntos Culturais, pp. 16-25.

GOUVEIA, Horácio Bento de, 1933, «Lapinhas e Pastores», in *Páginas de Jornalismo*, Alcobaça, Papelaria e Tipografia Minerva, pp. 4-6.

GOUVEIA, Horácio Bento de, 1966, «Madeira, terra das flores», in *Canhenhos da Ilha*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, pp. 29-31.

GOUVEIA, Horácio Bento de, 1966, «Memórias da ilha: os velhos cais do Norte – o progresso matou o cais e extinguiu hábitos de muitas gerações», in *Canhenhos da Ilha*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, pp. 45-48.

GOUVEIA, Horácio Bento de, 1966, «Da cidade: Roteiro Sentimental», in *Canhenhos da Ilha*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, pp. 65-72.

GOUVEIA, Horácio Bento de, 1994, «Aspectos rurais em Ponta Delgada», in *Crónicas do Norte*, organização de José António Gonçalves, São Vicente, Câmara Municipal de São Vicente, pp. 56-58.

GOUVEIA, Horácio Bento de, 1994, «Respigos de Fonética no linguajar da gente – freguesia da Ponta Delgada», in *Crónicas do Norte*, organização de José António Gonçalves, São Vicente, Câmara Municipal de São Vicente, pp. 59-62.

GOUVEIA, Horácio Bento de, 1994, «Regionalismo: ranchos folclóricos», in *Crónicas do Norte*, organização de José António Gonçalves, São Vicente, Câmara Municipal de São Vicente, pp. 142-144.

PINTO-CORREIA, João David, 2002, «Acerca da festa/ do Natal nas crónicas de Horácio Bento de Gouveia», in *Islenha*, n.º 30, Funchal, Direção Regional dos Assuntos Culturais, pp. 137-143.

RODRIGUES, Paulo Miguel, 2012, «*Madeirensidade*: Breves Reflexões em torno de um conceito identitário a repensar», in *Newsletter do Centro de Estudos de História do Atlântico*, n.º 15, disponível em http://www.madeira-edu.pt/portals/31/ceha/newsletter/newsletter_15.pdf, consultado a 2018-12-18.

SOARES, Maria de Fátima Gouveia (org.), 2001, «Do meu afecto pela terra», in *Escritos de Juventude: 1919-1930*, Funchal, Editorial Eco do Funchal, pp. 99-100.

SOARES, Maria de Fátima Gouveia (org.), 2011, «Civilização Madeirense», in *Escritos 4 (1950-1959 Horácio Bento de Gouveia)*, Braga, Edição de Autor, pp. 51-53.

SOARES, Maria de Fátima Gouveia (org.), 2011, «Festas da Cidade», in *Escritos 4 (1950-1959 Horácio Bento de Gouveia)*, Braga, Edição de Autor, p. 99.

SOARES, Maria de Fátima Gouveia (org.), 2014, «Regionalismo e Turismo», in *Escritos 5 (1960-1969 Horácio Bento de Gouveia)*, Braga, Edição de Autor, pp. 138-139.

SOARES, Maria de Fátima Gouveia (org.), 2014, «A Madeira: visão de ontem e de hoje», in *Escritos 5 (1960-1969 Horácio Bento de Gouveia)*, Braga, Edição de Autor, pp. 157-158.

SOARES, Maria de Fátima Gouveia (org.), 2014, «Bom Jesus da Ponta Delgada», in *Escritos 5 (1960-1969 Horácio Bento de Gouveia)*, Braga, Edição de Autor, pp. 167-168.

VIEIRA, Alberto, s.d., *O discurso da identidade insular no Atlântico Lusíada Açores, Madeira e Santa Catarina*, disponível em https://www.academia.edu/1153139/o_discurso_da_identidade_insular?auto=download, consultado a 2018-12-18.